

## SEUL SEGUE CRUCIAL NO CERCO AMERICANO A PEQUIM

*Acordo de submarinos nucleares entre EUA e Coreia do Sul consolida o AUKUS+ como eixo da contenção americana à China; com a latência nuclear de Seul e Tóquio no horizonte, a estratégia de Washington acende um efeito dominó de alianças que redesenha o equilíbrio de poder na Eurásia.*

**Andrew Korybko\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

O encontro de Trump com Xi [gerou esperanças](#) de que progressos pudessem ser feitos na gestão das tensões sino-americanas, mas muitos desses mesmos observadores não acompanharam a reunião que ocorreu em Washington no início da semana, entre os [ministros](#) da [Defesa](#) dos Estados Unidos e da Coreia do Sul, o que lança dúvidas sobre essas esperanças. [Parte da agenda](#) girou em torno do acordo firmado durante a visita de Trump no ano passado, pelo qual os EUA ajudariam a Coreia do Sul a construir um submarino de propulsão nuclear, o qual foi avaliado [aqui](#) como facilitador de sua integração ao AUKUS+.

A China se [opôs veementemente](#) ao pacto AUKUS de 2021, pelo qual o Reino Unido e os EUA concordaram em ajudar a Austrália a desenvolver uma frota de submarinos de propulsão nuclear. Embora a reação da China a um acordo semelhante firmado entre a Coreia do Sul e os EUA no ano passado tenha sido [relativamente mais discreta](#) devido à [recente melhora nas relações bilaterais](#), sua avaliação de ameaça é presumivelmente ainda maior, visto que a Coreia do Sul está muito mais próxima da China do que a Austrália. Isso também representa o aprofundamento da influência militar-estratégica dos EUA, que poderia ser explorada para fins de contenção.

A Coreia do Sul provavelmente se integraria à rede militar regional centrada no AUKUS dos EUA, que

informalmente envolve o [Japão, as Filipinas](#) e até mesmo Taiwan, e o Japão, rival da China, já [sinalizou interesse](#) em fechar seu próprio acordo para submarinos nucleares com os EUA. Dado que a Coreia do Sul e o [Japão](#) são “amigos-inimigos” por razões que fogem ao escopo desta análise, é possível que os EUA decidam firmar um acordo paralelo com o Japão, intensificando assim a percepção de ameaça do AUKUS+ por parte da China.

Para piorar a situação, a cooperação dos EUA com a Coreia do Sul (e potencialmente em breve com o Japão) em submarinos nucleares poderia [facilmente evoluir para uma cooperação em armas nucleares](#), um cenário plausível após o vencimento do Novo START, [conforme os desejos de Trump 2.0](#), que aumentou o risco de uma [corrida armamentista nuclear global](#). A [Coreia do Sul](#) e o [Japão](#) possuem o que é conhecido como latência nuclear, ou seja, a capacidade de construir armas nucleares caso essa decisão seja tomada, algo que [mais de 75%](#) dos sul-coreanos apoiam, mas que [mais de 60%](#) dos japoneses rejeitam.

O subsecretário de Guerra para Assuntos Políticos, Elbridge Colby, [declarou anteriormente](#) que os EUA se oporiam “veementemente” ao desenvolvimento de armas nucleares por mais países europeus, possivelmente para fins de controle de escalada em relação à Rússia. Portanto, o mesmo cálculo em relação à China poderia ser aplicado ao Leste Asiático. Contudo, tais cálculos podem sempre mudar, e os EUA podem até mesmo apoiar secretamente tais programas ou, pelo menos, ignorar o apoio da França e/ou do Reino Unido. A China, portanto, tem motivos para se preocupar.

No mínimo, espera-se que os EUA usem o cenário de desenvolvimento de armas nucleares pela Coreia do Sul e/ou Japão como uma espada de Dâmocles sobre a China, numa tentativa de dissuadi-la de intensificar reciprocamente as tensões sino-americanas em meio à inevitável consolidação do AUKUS+, a “OTAN asiática” *de facto*. Visto que os EUA continuarão a conter a China mesmo em caso de um grande acordo comercial, a China poderá se tornar mais receptiva às [propostas dos linha-dura russos](#) para aprofundar a cooperação de forma abrangente, formando assim uma aliança efetiva.

A contrapartida é que a Índia pode se sentir intimidada e consolidar seus laços militares estreitos com os EUA, por medo de que a China se torne a principal parceira da Rússia e a force a cortar o fornecimento de armas e peças de reposição para a Índia. Isso permitiria que a China chantageasse a Índia em meio às suas disputas de fronteira. Essa sequência de alianças de retaliação, catalisada pela aliança AUKUS+, poderia desestabilizar ainda mais a Eurásia, facilitar as estratégias de “dividir para governar” dos EUA e tornar inevitável a [bi-multipolaridade sino-americana](#), mas também não pode ser descartada.

---

*\*Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*

---